

NOVOS TALENTOS

DO JAZZ

30.10.2021

DIREÇÃO MUSICAL
PEDRO GUEDES

22:00

SOLISTA CONVIDADO
PIANISTA

TEATRO MUNICIPAL
DE MATOSINHOS
CONSTANTINO NERY



FUNDADOR
matosinhos



APOIO INSTITUCIONAL



dgARTES DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES

MECENAS



PARCEIROS



PARCEIROS MEDIA



Pedro Guedes *direcção musical*

Miguel Meirinhos *piano*

Madeiras

João Pedro Brandão

João Paulo Silva

Mário Santos

José Pedro Coelho

Rui Teixeira

Trompetes

Luís Macedo

Javier Pereiro

Hugo Silva

Pedro Jerónimo

Trombones

Daniel Dias

Paulo Perfeito

Andreia Santos

Gonçalo Dias

Secção Rítmica

Filipe Louro

(contrabaixo)

Gonçalo Ribeiro

(bateria)

A miscigenação estética, parte do próprio ADN do jazz, foi sendo reconfigurada ao longo das várias fases da sua história. A tendência de reconhecimento de uma possível comunicabilidade entre o referencial do jazz e certos pressupostos estilísticos associados a outros territórios (como o da tradição erudita europeia ou os de outras músicas populares) ganhou novo fôlego na segunda metade do século XX. A procura de caminhos musicais que de algum modo se abriam à possibilidade de combinar paletas, técnicas e estruturas de proveniências mais diversificadas foi-se observando claramente em muitos casos de músicos da West Coast, de discípulos destes ou de outros mais marcados pelo olhar europeu perante o jazz. Quer pelas escolhas de repertório, quer pelos traços identitários do músico que hoje se destaca, este concerto reúne referências diversas que confluem sem tensão num discurso musical descomplexado, plural e revigorante.

Miguel Meirinhos, pianista nascido há 23 anos e residente no Porto, licenciou-se em Performance Jazz na ESMAE. Nos projectos em que tem estado envolvido, há quase sempre o foco na composição de material original, sendo as formações bastante variadas, desde os quartetos com que colaborou (o de Mário Barreiros e o de Nuno Campos) até projectos diversos como o “North Camels Large Ensemble” (noneto), o septeto “Uniforme”, a “Residencial 12.0” (com João Pedro Brandão e Demian Cabaud) ou mesmo o duo com a cantora Joana Raquel, que

resultará em breve num disco intitulado “Ninhos Sobre as Nuvens” (com repertório original de ambos e gravado em quarteto com Demian Cabaud e João Cardita). Mais recentemente, tem actuado também no contexto de trio em nome próprio (com Gianni Narduzzi no contrabaixo e novamente João Cardita na bateria). A sua abordagem ao piano prima por uma especial delicadeza de toque e subtilidade nas escolhas harmónicas e texturais. As possibilidades de incorporação de técnicas e recursos da tradição erudita fascinam-no, o que é notório no seu discurso instrumental. Para além da proximidade para com os matizes impressionistas de Debussy ou Ravel, que alguns poderão talvez imaginar de antemão, as ideias de outras correntes eruditas da primeira metade do século XX estão-lhe claramente próximas. Gosta de desafiar a limpidez funcional e trocar as expectativas do ouvido em favor de uma riqueza que quase se diria politonal em certos momentos. É aliciado por uma densidade especial na escolha dos *voicings*, por vezes dotados de elementos tão aparentemente díspares que não ficam muito longe de alguns agregados de Schönberg ou, mais pertinentemente, das construções particulares de Messiaen – sendo que, tal como o compositor francês, não esquece que mesmo nos momentos mais ásperos o primado é do equilíbrio e do polimento sonoro.

Na escolha do repertório para este concerto, o primeiro dos itens que lançou como imprescindíveis foi ***First Love Song***, escrito e

arranjado por Bob Brookmeyer para a orquestra de jazz de Mel Lewis (sucedeu a da orquestra de Thad Jones/Mel Lewis, que Brookmeyer integrou desde a sua fundação em 1965), da qual acabava de se tornar director, compositor e arranjador nesse ano de 1980. Destaque-se o gosto de Brookmeyer por *voicings* com elementos de cluster diatónico, que tanto marcariam a arte do arranjo para big band. Também de Brookmeyer, ouvir-se-á o **ABC Blues**, que fechava o álbum de estreia da orquestra de Jones/Lewis e que tem a particularidade de se basear numa série dodecafónica, enunciada em notas sustentadas sobrepostas na primeira entrada da orquestra.

A admiração pelo trabalho de Carlos Azevedo como compositor e arranjador ditou a presença de música sua no programa. **BJO** foi originalmente escrito para a Brussels Jazz Orchestra em 2006 e mais tarde escolhido para o alinhamento que a OJM partilhou com o saxofonista Mark Turner, referência incontornável do jazz contemporâneo.

Honrando simultaneamente o trabalho de arranjo de Carlos Azevedo e de outra figura incontornável para Meirinhos, apresenta-se ainda um dos temas mais marcantes da produção do pianista Fred Hersch nas décadas finais do século XX: a **Rain Waltz**, com os seus ecos da sensibilidade impressionista. Originalmente gravada em trio em finais da década de 1980, será ouvida no arranjo feito por Azevedo para o concerto que a OJM partilhou com Fred Hersch na Casa da Música em 2016.

Como uma das primeiras escolhas surgiu também a música de Mário Laginha. Eis uma

oportunidade de voltar a ouvir em contexto orquestral o tema **Coisas da Terra**, um dos momentos mais sólidos e pessoais do álbum *Danças* (editado em 1994 e que constitui em essência o início do percurso em duo com Maria João). São fáceis de identificar alguns dos elementos que viriam a caracterizar inconfundivelmente a maturidade do seu autor, em especial as figurações persistentes e inquietas, entre o adornado discurso melódico de um prelúdio *bachiano*, uma harmonia profundamente inquisitiva e cromática e o balanço irreduzível do acompanhamento, de matriz multifacetada mas decididamente extra-europeia.

Completam o programa dois temas do próprio Miguel Meirinhos. O primeiro, com arranjo de José Pedro Coelho, intitula-se **Shmeckles** (sem qualquer intenção semântica que não a pura ludicidade verbal e o *nonsense*). Escrito durante o período formativo do pianista, foi o seu contributo para o septeto “Uniforme”, que juntou músicos da ESMAE e da ESML, e destaca-se pela insistência obstinada numa ideia base.

Já **Finta**, que terá arranjo de João Pedro Brandão, foi concebido para o trio que mantém com Cardita e Narduzzi, a propósito das actuações do último verão no Festival de Jazz de Loulé e n’O Verão É Jazz, em Guimarães. O tema, pequeno e cíclico, distingue-se por uma grande instabilidade, com uma harmonia que sabota qualquer ponto duradouro de resolução e promove um jogo de contraste com a melodia cantável, que percorre o seu caminho incólume.

Pedro Almeida